
Enfrentando a crise do jornalismo: o agir cartográfico como postura teórico-metodológica no jornalismo local¹

Isabelle Rieger dos SANTOS²

Felipe Moura de OLIVEIRA³

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS

RESUMO

O artigo propõe uma reflexão, de natureza ensaística, sobre a viabilidade do “agir cartográfico”, proposta teórico-metodológica para a compreensão de processos jornalísticos em rede em desenvolvimento por Henn, Oliveira e Osório (2022), inspirados na cartografia sentimental de Rolnik (2014), em experiências de jornalismo produzido localmente. Para tanto, utiliza da coluna Pensar a Cidade, da jornalista Bruna Suptitz, do Jornal do Comércio, como caso em que o agir cartográfico pode ser vislumbrado. Esse movimento auxiliaria na tarefa de recomposição da credibilidade do jornalismo após sua crise atual. Para a análise, foram utilizadas três reportagens do ano de 2020 e entrevistas com a colunista. A suspeita inicial é de que espaços como esse sejam promissores para a proposta em curso.

PALAVRAS-CHAVE: Agir cartográfico; jornalismo local; crise do jornalismo

INTRODUÇÃO

Utilizando-se do conceito de agir cartográfico, proposto por Henn, Oliveira e Osório (2022), inspirado na cartografia sentimental de Rolnik (2014), que preconiza uma proposta teórico metodológica na atuação do repórter no fazer jornalístico baseada na observação participante, na escuta ativa e na compreensão do jornalismo enquanto rede, o artigo analisa três reportagens publicadas na coluna “Pensar a Cidade”, veiculada no Jornal do Comércio (Porto Alegre, RS)⁴, sob a responsabilidade da jornalista Bruna Suptitz⁵. A coluna é publicada duas vezes na semana, nas quartas e sextas-feiras e surge, de acordo com a editora, com a vontade de produzir conteúdo

¹ Trabalho apresentado no Intercom Júnior – Jornalismo, evento 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação PUC-Minas, realizado de 04 a 8 de setembro de 2023.

² Estudante de Graduação do 4º semestre Curso de Jornalismo da UFRGS, e-mail: belle.rieger@gmail.com

³ Orientador do trabalho. Professor do curso de Jornalismo da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação - FABICO UFRGS e do Programa de Pós Graduação em Comunicação - PPGCOM/UFRGS. e-mail: felipecomunica@gmail.com

⁴ <https://www.jornaldocomercio.com/colunas/pensar-a-cidade>

⁵ A autora estagiou no Jornal do Comércio no período de outubro de 2022 a agosto de 2023, auxiliando também na produção de conteúdo da coluna nos meses mais recentes. A decisão foi por não incorporar metodologicamente essa informação, pois as reportagens analisadas foram publicadas em 2020, anteriormente, portanto, à passagem pela redação.

especializado sobre a revisão do Plano Diretor de Porto Alegre em 2019. Ele é uma política prevista no Estatuto da Cidade (2001) e revista a cada 10 anos. Como contexto e tema mote da coluna, as reflexões têm base no processo de revisão do Plano Diretor do município de Porto Alegre (RS), que ocorre desde 2019 como acontecimento com o qual o jornalismo se relaciona. A legislação, embora complexa, significa as tendências de mudança para a geografia da cidade nos próximos 10 anos. Isso quer dizer que a forma como as cidades estão funcionando hoje foram discutidas há uma década.

Na capital gaúcha, no entanto, esta revisão é marcada por atraso. Embora a pandemia de Covid-19 tenha adiado a revisão do plano, prevista para 2020, a proximidade das eleições municipais não deixa os prefeitos confortáveis para “tocar” a revisão. Agora, já é esperado que a revisão do plano diretor passe pela aprovação da Câmara Municipal dos Vereadores somente em 2025, ou seja, um ano depois do próximo ano eleitoral. Como Suptitz se refere: “é a política para sabermos se iremos construir um prédio ou uma padaria em um determinado bairro, assim como delimitar os comércios da região”. Assim, o Plano Diretor define os rumos da cidade, assim como interliga diferentes regiões. Ele é uma possibilidade de mudança da trama do espaço urbano.

Três reportagens realizadas no ano de 2020 são analisadas, com inspiração nas fases prescritas pela proposta do método do agir cartográfico. A primeira é: “Audiência debate mudança na área da Fazenda do Arado⁶”; em que Suptitz explica sobre uma audiência pública que debate os rumos de uma área em que será implantado um loteamento para a futura compra dos terrenos e posterior construção de casas de luxo na antiga Zona Rural da cidade. Lá, há conflito de interesses entre o empreendimento, movimentos ambientalistas que defendem que a área deveria permanecer como estava e uma retomada indígena Mbyá-Guarani. Já a segunda reportagem é :“Planejamento urbano ainda não entrou na campanha à prefeitura de Porto Alegre⁷”, veiculada em plena campanha eleitoral municipal. A terceira é: “Melo terá de enfrentar a revisão do

⁶ Disponível em:

https://www.jornaldocomercio.com/_conteudo/colunas/pensar_a_cidade/2020/11/767299-audiencia-debat-e-mudanca-na-area-da-fazenda-do-arado.html. Acesso em: 9 jul 2023.

⁷ Disponível em:

https://www.jornaldocomercio.com/_conteudo/colunas/pensar_a_cidade/2020/09/759060-planejamento-urbano-ainda-nao-entrou-na-campanha-a-prefeitura-de-porto-alegre.html. Acesso em: 9 jul 2023.

Plano Diretor de Porto Alegre⁸”. Nela, a colunista define que é o artigo que mais se aproxima de uma coluna de opinião, justamente por considerar o compromisso público do exercício do cargo do prefeito com um marco demarcador importante da cidadania, que é a revisão do Plano Diretor e, na reportagem, em dar caminhos para isso. Este mecanismo de participação popular tem realmente um viés participativo e plural a depender da conduta dos governos de turno quanto à participação (GOULART; TERCI; OTERO, 2016), o que vai ao encontro da posição explicitada na matéria.

O Jornal do Comércio é um veículo de circulação histórica em Porto Alegre e no interior do estado, tendo cerca de 20 mil assinantes no formato impresso. Ele foi fundado em 1933, e este ano (2023) completa 90 anos de circulação ininterrupta. Entre suas principais características, é possível observar que se assemelha consideravelmente a um jornal local (embora esteja hospedado numa capital e tenha uma pequena circulação em outras regiões do RS). É um veículo com nicho editorial em economia e negócios, o que determina uma linha editorial empresarial, majoritariamente, há de se considerar.

A coluna “Pensar a cidade”, no entanto, tem como objetivo, segundo a editora, Bruna Suptitz, justamente ampliar o público do jornal ao reportar temas que a revisão do Plano Diretor dispara sob o olhar para regiões e populações marginalizadas da cidade. Nesse sentido, a coluna é o único espaço do site do veículo cujo conteúdo é aberto para não assinantes. O que, aparentemente, pode ser considerado uma contradição em relação à linha editorial do JC pode ser, por outro lado, interpretado como um movimento no sentido de promover diálogos na cidade.

Em números de leitores, segundo a editora da Coluna, ela foi a primeira com o maior número de *clicks* nos *links* nos dois primeiros anos de circulação na versão do jornal online e agora é a segunda com maior número de cliques nas matérias, perdendo para uma produção diária sobre varejo. Ainda, vale ressaltar que a coluna do pensar a cidade é o único material do Jornal do Comércio que não apresenta *paywall* em nenhum espaço da página.

⁸ Disponível em:

https://www.jornaldocomercio.com/_conteudo/colunas/pensar_a_cidade/2020/11/768022-melo-tera-de-enfrentar-a-revisao-do-plano-diretor-de-porto-alegre.html. Acesso em: 9 jul 2023.

Em Abril de 2023, o projeto do pensar a cidade, com a jornalista Bruna Suptitz, virou quadro de 10 minutos no programa diário da rádio BandNews Porto Alegre. Agora, ele também está na programação da emissora. Para a editora, isso é uma forma de ampliar o alcance com as questões da cidade.

CRISE DE LEGITIMIDADE E DE CREDIBILIDADE DO JORNALISMO FRENTE AO AMBIENTE DIGITAL

A crise de legitimidade e credibilidade enfrentada pelo jornalismo frente ao ambiente digital (OLIVEIRA, 2018) impõe a necessidade de pensar alternativas que permitam representar os acontecimentos de modo a dar a ver mais da sua complexidade, o que, potencialmente, pode restabelecer conexões com o público. Uma explicação para a crise é a obsolescência do trabalho do jornalismo frente ao ciberacontecimento das breaking news.

A obsolescência à prática jornalística pode ser definida como um estado que não consegue dar respostas e que não consegue concorrer com fake news, por exemplo. Narrativas caóticas conquistam espaço, não tradicionais e que levam os debates que irrompem da esfera pública digital - a semiosfera - para outro lado que não o puramente pautado pela imprensa. O ciclo de notícias em constante aceleração, combinado com a demanda por conteúdo instantâneo, levanta questões sobre como o jornalismo pode se adaptar em um ambiente em rápida mutação.

O ciberacontecimento significa “acontecimentos que têm as redes da internet como lugar de constituição e, por conta disso, incorporaram em sua natureza: alta conectividade, compartilhamento e propulsão intensa de sentidos” (HENN, 2014). Assim, esta forma de acontecimento, por conta de suas próprias características do acontecimento. Desta forma, o agir cartográfico pode ser uma resposta a esse movimento, por conta de uma mudança na procura da pauta e da postura do repórter.

AGRI CARTOGRÁFICO COMO POSTURA TEÓRICO-METODOLÓGICA NO JORNALISMO LOCAL

O agir cartográfico pode ser encarado como possibilidade de postura para o profissional jornalista. Ele tem, como medida teórico-metodológica frente aos acontecimentos quando irrompem na superfície do cotidiano e afetam o jornalismo como sistema de produção de sentido, três fases (HENN; OLIVEIRA; OSÓRIO, 2022): *Dimensão pré-individual*, que consiste em entender o que é anterior ao acontecimento e que possibilita, portanto, sua ocorrência; *Olhar vibrátil e atenção flutuante*, estratégia de “escuta” do acontecimento inspirada na psicanálise e que sugere a atenção ao que é colateral na narrativa que se constrói no processo acontecimental; e *Em busca do comum*, a observação da constituição do plano coletivo de forças que significam o acontecimento.

A postulação, aqui, é que o jornalismo exercido localmente, a partir de algumas características com as quais trabalha Dornelles (2005), por exemplo, como entendemos ser possível considerar, por aproximação, pelo menos, o Jornal do Comércio, pode ser um campo promissor para o exercício do agir cartográfico, a partir de experiências como a coluna “Pensar a Cidade”.

PENSAR A CIDADE

O planejamento urbano como tema transversal a uma coluna em um jornal local une os elos. É possível, assim, pensar desta forma como um tripé: mudanças na cidade, participação popular e jornalismo. O fio condutor, neste caso, do jornalismo local em grandes centros urbanos é encontrado: a mudança de legislação de todas as zonas da cidade. Esta mudança de política afeta a todos os cidadãos, assim utilizando um conceito da cartografia sentimental de Rolnik, que o afeto é o que gera afetação. De forma propositalmente quase redundante, os rumos da cidade modificam a vida de todos os seus cidadãos, seja apenas pela mudança de cenário e, assim, mudança subjetiva na percepção do plano urbano, como em mudanças físicas, como prédios mais altos, moradias deslocadas, demolição ou tombamento de construções históricas, dentre outros.

Desta forma, a análise busca identificar cada passo concebido do agir cartográfico. Na primeira reportagem analisada sob a inspiração do agir cartográfico (HENN, OLIVEIRA, OSÓRIO, 2022), com o título de “Audiência debate mudança na

área da Fazenda do Arado”, é apresentado um projeto de alteração no regime urbanístico da cidade a ser debatido em audiência pública na Câmara dos Vereadores de Porto Alegre, antes da etapa de revisão do Plano Diretor. Este projeto está em debate público na cidade desde 2011, quando os movimentos ambientalistas da cidade denunciam o projeto. No texto, além de explicitar o que é a audiência, para que serve, são mostrados os pontos contra e a favor.

Pode-se inferir da reportagem, assim, que ela tem as características da dimensão pré-individual, isto é, constitui os indivíduos orgânico e fisicamente no espaço, reconstruindo os fatos a partir do plano coletivo ainda anterior ao próprio Plano como acontecimento. Nesta fase do agir cartográfico, a proposta é de reconstrução dos fatos a partir do plano coletivo de forças. Assim, os autores têm seus contornos delineados e sua forma de agir traçada.

O movimento do olhar vibrátil, atenção flutuante do método pressupõe que: A segunda fase do agir cartográfico pressupõe que há :

um apagamento de "fronteiras preestabelecidas na divisão das disciplinas" que dá contornos complexos à realidade em formação – interesse último do fazer jornalístico. Essa capacidade pode favorecer o “olhar/corpo vibrátil”, potencializando a alteridade. (HENN, R.; OLIVEIRA, F; OSÓRIO, M., 2022)

A prática de alteridade significa, de forma simplificada, colocar-se no lugar do outro, do que é diferente de si. Embora o jornalismo já seja pautado pelo interesse público e não do repórter individualmente, esta é uma postura, pode-se dizer, poderosa. Nesta reportagem, então, é possível relacionar com o fato de que muitos brasileiros não sabem o que fazem os seus representantes políticos. Ter a explicação do trâmite pode auxiliar o leitor comum a se situar no espaço, o que também configura a dimensão pré-individual. Assim, é possível visualizar uma atenção que vai além da notícia do debate em audiência pública.

Como mencionado na introdução, a pauta da Fazenda do Arado esteve, em algum nível de intensidade, no debate público da cidade de Porto Alegre desde 2011, quando movimentos ambientalistas realizaram a primeira denúncia ao projeto de loteamento em uma área de banhado no bairro Belém Novo, Extremo Sul da cidade. A área, ainda, é foco de retomada Mbyá-Guarani e apresenta presença ancestral no território, o que aumenta a tensão do local.

Figura 1: Reportagem “Audiência debate mudança na área da Fazenda do Arado”



Fonte: Jornal do Comércio⁹

Já a segunda reportagem analisada é: “Planejamento urbano ainda não entrou na campanha à prefeitura de Porto Alegre”, em que é observada, principalmente, a característica do olhar vibrátil e atenção flutuante e, em segundo plano, a da dimensão pré-individual. Para que a reportagem tenha sido realizada, foi necessário estar atento às propostas de campanha de cada candidato para questões que iam além do próprio Plano Diretor, com atenção àquilo que, em primeira leitura, poderia ser considerado colateral. Assim, o planejamento urbano e são demandas, teoricamente, de todo e qualquer cidadão comum, que existe nas cidades. A reportagem, ainda,

Ao mesmo tempo, é possível observar uma delimitação das vozes que compõem os espaços urbanos, o que caracteriza a dimensão pré-individual do método do agir cartográfico. A disputa para a prefeitura pode ser um indicativo de agentes que mobilizam diferentes setores da cidade.

⁹

https://www.jornaldocomercio.com/_conteudo/colunas/pensar_a_cidade/2020/11/767299-audiencia-debate-mudanca-na-area-da-fazenda-do-arado.html

Ainda, no corpo da matéria, é explicado que os representantes do Executivo municipal são os responsáveis pela formulação desta política. Esta explicação engloba tanto as categorias do “olhar vibrátil, agir flutuante”, como a da dimensão pré-individual. Esta é explicitada pela responsabilização certa na autoria de mandantes do Executivo em formularem a política.

Figura 2:



Fonte: Jornal do Comércio¹⁰

Por fim, a terceira reportagem analisada é: “Melo terá de enfrentar a revisão do Plano Diretor de Porto Alegre”. Nela, é evidenciado o princípio da etapa em busca do comum, como prescrevem (HENN, OLIVEIRA, OSÓRIO, 2022). A constituição da cidade é comum entre todos os seus habitantes - independente de suas características.

Desta forma, a transformação do espaço urbano - e o diagnóstico da coluna das tarefas do prefeito para com a cidade, não esquecendo seu compromisso público firmado - evidenciam a terceira fase do método agir cartográfico. Em época de final de eleições, faz-se necessário pautar os representantes locais para que estes cumpram, definitivamente, seus compromissos para com os cidadãos.

De todo o material analisado na coluna, este é o que mais se aproxima de um conteúdo de opinião. Isto é, caracterizado pela própria editora como uma peça que

¹⁰

https://www.jornaldocomercio.com/_conteudo/colunas/pensar_a_cidade/2020/09/759060-planejamento-urbano-ainda-nao-entrou-na-campanha-a-prefeitura-de-porto-alegre.html

contém um tom pessoal. Ao mesmo, a partir da fala de Suptitz, é possível entender que esta reportagem é a caracterizada com a fase de “em busca do comum”, justamente, pode-se inferir, por sua pesquisa e trabalho fundamentados nas questões da cidade.

Figura 3: Reportagem “Melo terá de enfrentar a revisão do Plano Diretor de Porto Alegre”



Fonte: Jornal do Comércio¹¹

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Preliminarmente, é possível vislumbrar o exercício do agir cartográfico em espaços que priorizam o jornalismo local - especialmente na escolha das pautas, como a coluna “Pensar a cidade”, do Jornal do Comércio -, que, por conseguinte, podem, ao representar mais da complexidade de acontecimentos como o Plano Diretor, contribuir para o enfrentamento da crise de legitimidade que o jornalismo contemporâneo enfrenta (OLIVEIRA, 2018).

A avaliação é que o objetivo da pesquisa foi suficientemente cumprido no sentido de promover uma reflexão inicial da proposta do agir cartográfico no contexto do jornalismo local. Na reportagem “Audiência debate mudança na área da Fazenda do

11

https://www.jornaldocomercio.com/_conteudo/colunas/pensar_a_cidade/2020/11/768022-melo-tera-de-enfrentar-a-revisao-do-plano-diretor-de-porto-alegre.html

Arado”, foi observada a dimensão pré-individual, primeira fase do método. Lá, a colunista definiu os contornos e as posições dos agentes envolvidos na audiência pública sobre a Fazenda do Arado. Ainda, na segunda reportagem “Planejamento urbano ainda não entrou na campanha à prefeitura de Porto Alegre”, é possível ver tanto a dimensão pré-individual quanto a olhar vibrátil, atenção flutuante, por conta da atenção de Suptitz em delimitar as vozes que compõem o espaço urbano, assim como a atenção em propostas de campanhas que pautasse o planejamento urbano. Por fim, na terceira reportagem analisada “Melo terá de enfrentar a revisão do Plano Diretor de Porto Alegre”, é evidenciado a terceira fase do agir cartográfico, ou o em busca do comum, quando a jornalista diagnostica que o prefeito terá que enfrentar a revisão do Plano Diretor a fim de cumprir seu compromisso público firmado com a gestão da cidade.

Como próximos planos, destaca-se a necessidade de evoluir na sistematização do agir cartográfico enquanto método de análise em outras reportagens e em outros modelos que não sejam o digital ou impresso. Também, é necessário aumentar as interfaces de diálogo com o jornalismo local, de um ponto de vista prático e conceitual. Por fim, destaca-se a necessidade de realizar testes desta postura em reportagens-laboratório nas oportunidades fornecidas pela própria estrutura da universidade e da especificidade do currículo do curso de Jornalismo.

Uma passagem da autora pela redação do Jornal do Comércio em período posterior à publicação das reportagens contribuiu para um entendimento maior e posterior visualização da possível aplicabilidade do agir cartográfico na produção de jornalismo.

Referências bibliográficas

Audiência debate mudança na Fazenda do Arado. Bruna Suptitz, **Jornal do Comércio**, Porto Alegre, 25 nov. 2020. Disponível em: https://www.jornaldocomercio.com/conteudo/colunas/pensar_a_cidade/2020/11/767299-audiencia-debate-mudanca-na-area-da-fazenda-do-arado.html. Acesso em 13 ago. 2023.

BRASIL. **Lei Nº 10.257**, de 10 de julho de 2001. Regulamenta os arts. 182 e 183 da Constituição Federal, estabelece diretrizes gerais da política urbana e dá outras providências. Brasília, DF: Diário Oficial da União, 2001.

DORNELLES, Beatriz C. P. Características de jornais e leitores interioranos no final do século 20. **Biblioteca On Line de Ciências da Comunicação**, Covilhã/Portugal, v. 1, p. 1-15, 2005.

GOULART, J. O.; TERCI, E. T.; OTERO, E. V. **Planos diretores e participação política: políticas públicas de planejamento entre o empresariamento e o estatuto da cidade.** Revista de Administração Pública, v. 50, n. 3, p. 455–476, maio 2016.

HENN, R. **El ciberacontecimiento: producción y semiosis.** Barcelona: Editorial UOC, 2014.

HENN, R.; OLIVEIRA, F; OSÓRIO, M. **Agir cartográfico: Proposta teórico-metodológica para compreensão e exercício do jornalismo em rede.** ALCEU (Rio de Janeiro, online), V. 22, Nº 45, p.44-65, mai./ago. 2022.

Melo terá de enfrentar revisão no Plano Diretor de Porto Alegre. Bruna Suptitz, **Jornal do Comércio**, Porto Alegre, 29 nov. 2020. Disponível em:
https://www.jornaldocomercio.com/ conteudo/colunas/pensar_a_cidade/2020/11/768022-melo-tera-de-enfrentar-a-revisao-do-plano-diretor-de-porto-alegre.html. Acesso em: 13 ago. 2023

OLIVEIRA, Felipe Moura de. **La semiosis de la noticia: Movimientos sociales en red y crisis del periodismo.** 1. ed. Barcelona: Editorial UOC, 2018. v. 1. 140p .

Planejamento urbano ainda não entrou na campanha à prefeitura de Porto Alegre. Bruna Suptitz, **Jornal do Comércio**, Porto Alegre, 29 set. 2023. Disponível em:
https://www.jornaldocomercio.com/ conteudo/colunas/pensar_a_cidade/2020/09/759060-planejamento-urbano-ainda-nao-entrou-na-campanha-a-prefeitura-de-porto-alegre.html. Acesso em: 13 ago. 2023.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo.** 1 ed. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2014.